

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 974	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	20 DE JANEIRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

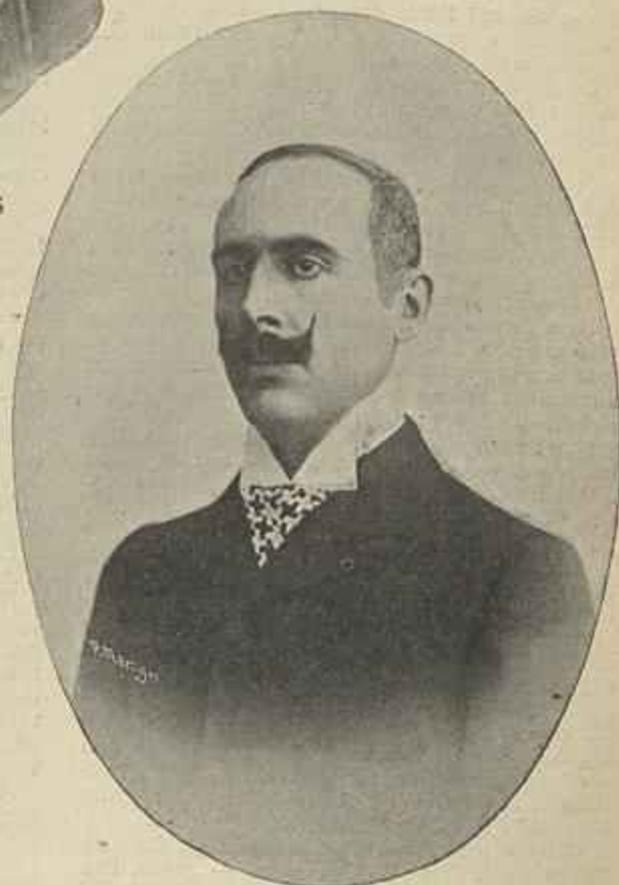
Os Novos Ministros



CORONEL JOSÉ MATHIAS NUNES
Ministro da Guerra



CONDE DE PENHA GARCIA
Ministro da Fazenda



DR. ANTONIO CABRAL
Ministro das Obras Publicas

Chronica Occidental

Quando 1906 veio á luz, se isto se pôde dizer de quem nasce á meia noite, com certeza muitas fadas boas vieram fazer-lhe seus dons; mas ha sempre uma fada velha e maldosa para enguiçar tudo e todos. Que um anno herde do que foi acolher-se na eternidade, é justo que aconteça; mas que a bruxa agridhoasse ao recém-nascido a bola pezada do contracto dos tabacos é o que muito custa a perdoar-lhe.

Não ha um doce momento de descanso. Se, ao menos, esta constancia dos tabacos a toda a hora, cigarros ao almoço, charutos ao jantar, cachumbo á ceia, o tabaco fazendo gemer os prelos e luzir o olho aos financeiros, tudo e todos metidos em tabaco dos pés até aos cabellos, se ao menos a tabacaria nos enjoasse do fumo ainda era para nos mostrarmos gratos á Providencia.

Mas, vamos com Deus, que ainda podemos agora fumar socegados o nosso cigarrinho, sem que a cantata dos tabacos nos viesse arrelhar os ouvidos. Foram momentos curtos, mas foram benditos.

A eleição do Presidente da Republica Franceza e a reunião dos representantes das nações em Algeciras, vieram distrahir as atenções para fóra de Portugal. Este ultimo assumpto promette ser dos que por muito tempo hão de impacientar os leitores dos telegrammas sobre a politica mundial.

Prende-se com o que a todos interessa; a paz ou a guerra. Prende-se, ainda, que por mais não seja, como um pretexto possível. Uma esperanza que surge d'umas palavras tranquillizadoras de diplomatas, logo em artigo de jornal, que em menos de dez minutos dá pelo telegrapho volta ao mundo, tape o cantinho azul que lhe puzera, entre grossas nuvens, a sorrir no céu. O que quer a Allemanha? O que diz a França? O que pensa a Inglaterra? Que havemos de esperar da intervenção da Italia?

Toda a Europa anda assustada, e tem razão. Nenhum povo deseja a guerra. Quem a quer então?

Ultimos telegrammas contam que um projecto de conciliação será submettido á conferencia de Algeciras, segundo o qual serão reguladas as questões de policia militar internacional. A duração da prova será fixada em dois annos. As tropas da fronteira terrestre seriam organisadas e commandadas pela França. As tropas da fronteira maritima seriam organisadas e commandadas pela Hespanha ou por um estudo neutral no Mediterraneo e no Atlantico. O sultão teria o direito de confrir ou não confrir a qualquer potencia européa as tropas encarregadas de manter a ordem interior, mas a França poderá sempre reivindicar o direito de prioridade.

Venha o que vier, o certo é que tanto em Berlim como em Paris os animos não se mostram socegados e que toda a Europa se arreceia dos resultados da conferencia.

Os representantes de Portugal em Algeciras são os srs. Conde de Tovar, novo ministro em Madrid e Conde de Martens Ferrão, encarregado de negocios em Tanger.

Mas, por muitos motivos que haja para que todos os paizes se preocupem com os resultados da conferencia, por umas horas, no dia 17, tudo esqueceu, distrahidos como todos estavam com a eleição do presidente da republica franceza que devia effectuar-se em Versailles.

Nem menos de cincoenta e tantos aparelhos telegraphicos e de trinta e tantos telephones ali estavam promptos a funcionar para transmitir ao mundo inteiro o nome do vencedor e as peripecias da eleição.

Não foram estes em grande numero, pois, logo ao primeiro escrutinio, Fallières, que ao entrar a sala fóra recebido com uma extraordinaria ovação, venceu por 449 votos contra 371 alcançados por Paul Doumer.

O resultado da eleição não espantou ninguém. Já todos sabiam que era Fallières quem reunia maior numero de sympathias.

Fizeram-se em Paris innumeradas apostas, que os jogadores tudo lhes serve para jogar. Na Bolsa organisou-se uma especie de aposta mutua circulando uma lista que todos podiam assignar. Fallier obteve 790, Loubet 300, Doumer 210, Sarrien 25, Adolpho Carnot 22 e um X qualquer, que não viesse na lista, 105. Deschanel, Ribot, Barthou, Tompson e Dupuy quasi não apanharam votos. Era Fallières o favorito.

O novo presidente nasceu em Mézin em 6 de novembro de 1841 e tem, portanto, 64 annos. Era o actual presidente do Senado, assembléa legislativa para que foi eleito em 8 de junho de 1890. Fóra eleito pela primeira vez deputado em 1876, filiando-se na esquerda republicana. Em 17 de

maio de 1880 foi nomeado sub-secretario do ministerio do interior. Em 7 de agosto de 1882 foi nomeado ministro do interior; em março de 1883, presidente do conselho; depois ministro da instrucção publica; outra vez ministro do interior; ainda depois ministro da justiça; depois, no ministerio de Freycinet, ministro da justiça e da instrucção publica.

Acclamado em Versailles, acclamado no caminho, acclamado na sua chegada a Paris, não pode o novo presidente queixar-se da politica que lhe dá tão bons momentos.

— Assim a politica fosse para nós! pensarão muitos dos politicos portugueses.

Nem sempre são rosas, não. Sorumbaticos, nervosos, com raros momentos em que a vaidade lhes concede uns affagos, os politicos da nossa terra levam má vida, dao-lhes má vida outros politicos.

Ainda ha poucos dias foi motivo de muita palestra o caso de haver um dos actuaes ministros mandado desafiar um jornalista por quem se julgára insultado. Não chegaram a accordo os padrinhos e o duello felizmente não se realisou. D'ahi, effervescencia de commentarios, é claro, cada qual discutindo, conforme pontos de vista especiaes, direitos de jornalistas e modos de proceder que são dever de todos os ministros mais que ninguém obrigados ao cumprimento da lei.

Escrevemos acima o adverbio *felizmente*, porque julgamos dever o duello ser banido dos costumes, não sendo mais que banalissima convenção, ás vezes com a unica circumstancia attenuante de ser commodo. Porque se lhe sujeitam os homens! Apenas por cobardia, como o dizia muito bem, um dia d'estes, João Chagas, na sua chronica do *Primeiro de Janeiro*, por medo de passar por cobarde. Antes o assobiar d'uma bala e um risco d'uma cutilada. Respeitos humanos me levaram algumas vezes ao campo acompanhando amigos, esquecido de razões e das minhas crenças religiosas. Pesa-me hoje o que fiz e estimo poder declarar-o.

A opposição ao actual ministerio é das acerrimas tendo-se ultimamente mais ainda affirmado com a serie de artigos publicados nas *Novidades*, por toda a parte discutidos. Aonde iremos ninguém o pode prever. O que tiver de ser, será; contentamo-nos por ora n'esta chronica, com o que está sendo, e não é de todo máo.

O tempo vaç correndo bellissimo e, agora que tanto se fala em attrahir a Lisboa estrangeiros, a lenda de primavera eterna de que gosamos não será de todo máo cantar-lhe um hymno de quando em quando, como se fosse a mais pura das verdades.

As primeiras cutiladas atiradas ao Lazareto já deram bom resultado. Ainda ha poucos dias, ao saberem que não seriam incommodados por exigencias sanitarias nem da alfandega, uns quinze argentinos que tencionavam seguir para França no paquete que os trouxera, desembarcaram em Lisboa, aqui se demoraram umas horas, e seguiram depois no *sud-express*.

Estão ha dias em Lisboa, hospedados no Hotel Internacional, tres principes da Baviera, que, ora a pé, ora de carruagem, teem percorrido toda a cidade, procurando de preferencia os pontos mais pittorescos.

Lisboa, com suas bellezas naturaes, haja boa vontade e melhor gosto em seus habitantes e veadores, poderá e deverá tornar-se cidade inscripta em todos os guias do viajante.

Uma das grandes faltas são com certeza os espectaculos onde possam os estrangeiros passar um bocado de noite, reduzidos como estarão ao Colyseu, visto S. Carlos ser dos assignantes. Saber-se que a *Condennação de Fausto* teve desempenho á altura do seu valor, afóra a satisfação de saber-se vingado o infeliz e grande Berlioz, não dá maior alegria aos que lá não foram. Para chuchar no dedo escusa um homem de sahir de sua casa.

Lisboa progride entretanto, não ha que duvidar. Com mais sciencia de vida, progride o Porto.

No sabbado passado foi a inauguração da nova livraria Chardron, n'um bello edificio do moderno bairro das Carmelitas. Uma festa alegre. No dia seguinte os srs. Lellos, actuaes proprietarios da livraria, offereceram um jantar a alguns dos escriptores por elles editados: Guerra Junqueiro, Abel Botelho, Julio Brandão, Rocha Peixoto, João Grave, Justino Montalvão, etc.

A livraria, cuja planta é devida ao distincto engenheiro, sr. Xavier Esteves, foi decorada com seis medalhões, baixos relevos do esculptor sr. Romão Junior. Representam Camillo, Eça, Anthero, Thomaz Ribeiro, Theophilo e Guerra Junqueiro. E' mais um edificio de que pode o Porto orgulhar-se.

Os novos ministros

Poucos dias antes do fim do anno, o sr. presidente do conselho, por motivo de desaccordo entre alguns membros do governo, apresentou a El-Rei a demissão do ministerio, caso que a chronica do OCCIDENTE de 30 de dezembro referiu.

Foi o sr. conselheiro Luciano de Castro encarregado por El-Rei de formar novo gabinete, o qual ficou organizado no dia 27 de dezembro, continuando no governo os srs. Eduardo José Coelho, ministro do reino, dr. Moreira Junior, ministro da marinha, Eduardo Villaça, ministro dos estrangeiros e Arthur Montenegro, ministro da justiça, entrando para a pasta da guerra o sr. coronel Mathias Nunes, para a das obras publicas o sr. dr. Antonio Cabral e para a da fazenda o sr. conde de Penha Garcia, continuando na presidencia sem pasta o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

A situação politica não mudou, devendo considerar-se antes uma terceira recomposição de ministerio.

Os novos ministros que entraram na recomposição do ministerio, são pela primeira vez chamados aos conselhos da corôa. Todos parlamentares distinctos, teem provado o seu valor intellectual nas questões debatidas no parlamento, mostrando que lhe não são desconhecidos os diferentes ramos da administração publica.

O sr. coronel José Mathias Nunes, novo ministro da guerra, é um dos officiaes superiores mais illustrado da sua arma, antigo director da Fundição de canhões do Arsenal do Exercito, logar que tem desempenhado de modo superior, com intelligencia e zelo pouco vulgares.

E' o mais velho dos novos ministros e antigo progressista, sendo, comtudo, mais militar do que politico, pois que mais se tem dedicado aos estudos da sua arma, do que ás questões tantas vezes irritantes e improductivas da politica partidaria. E' um dos fundadores d'essa sympathica instituição denominada Associação Protectora da Primeira Infancia, que tão grandes beneficios está prestando á população pobre de Lisboa.

O novo ministro da fazenda sr. conde de Penha Garcia, é um moderno parlamentar, que no pouco tempo que tem occupado a sua cadeira de deputado, revelou de forma assaz distincta seus conhecimentos financeiros e de direito internacional.

No ultimo congresso de Lacticinios e Oleicultura, promovido pela Real Associação de Agricultura, tomou parte importante o sr. conde de Penha Garcia, pela apresentação de suas theses, principalmente a do credito agricola, que mereceu a approvação unanime da assembléa.

Tem feito varias conferencias na Real Associação de Agricultura sobre questões economico-agricolas de maior interesse.

Sobre o credito agricola tem o sr. conde de Penha Garcia feito estudos muito especiaes, e que certamente, na pasta que foi chamado a gerir, terá occasião de levar á pratica, como um largo beneficio para a agricultura nacional.

O sr. conde de Penha Garcia é um opulento lavrador, o que lhe permite melhor avaliar as difficuldades com que a nossa agricultura lucha, para as prover de remedio eficaz, de accordo com o collega a quem cabem mais em especial os negocios da lavoura.

O sr. dr. Antonio Cabral, a quem foi distribuida a pasta das obras publicas commercio e industria, é tambem um moderno parlamentar que se tem distinguido como orador fluente, tratando as questões com conhecimento e são criterio.

Verdadeiramente dedicado ao seu partido era na camara o *leader* do governo.

Chefe do gabinete da presidencia do conselho de ministros, este cargo de confiança era um passo dado para a sua elevação a ministro.

O sr. dr. Antonio Cabral, é sub-director da Penitenciaria de Lisboa.

A sua clara intelligencia e facultades de trabalho, permitirão certamente bem desempenhar-se dos complexos negocios da pasta que foi encarregado de gerir.



Os Candidatos á presidencia da Republica de França Fallières eleito Presidente

Desde alguns mezes que em França se preparavam os trabalhos para a eleição da presidencia da Republica, que devia verificar-se no dia 17 do corrente, isto é, um mez antes de terminar o mandato de Mr. Loubet, o qual senão propoz para a reeleição.

Varios eram os candidatos que se propunham, com mais ou menos probabilidades de victoria, sendo os principaes Fallières, Bourgeois, Doumer, Rouvier e Deschanel, havendo ainda outros que pouco interessavam ao espirito publico.

A medida que se aproximava o dia da eleição, crescia a anciedade do publico e animavam-se as discussões, sobre quem recahiria a maior votação, antecedendo-se que seria Fallières o mais votado.

De facto os telegrammas do dia 17 participaram ao mundo que Fallières fôra eleito presidente da Republica por 440 votos contra 371.

Vencera o filho da Gascunha, levando esta victoria a alegria á sua provincia, onde de ha muito já reinava grande entusiasmo por Fallières, com o triumpho do qual contavam os bons gascões.

Armand Fallières nasceu a 6 de novembro de 1841, em Mézin. Foi eleito deputado em 1876. Inscripto na esquerda republicana, fez parte dos 363 contra o golpe de Estado de Mac-Mahon. Excelente orador e jurisconsulto notavel, foi nomeado em 1880 sub-secretario do ministerio do interior. Depois é interminavel a lista dos seus cargos de serviço á republica.

Em 6 de janeiro ultimo, na vespera das eleições senatoriaes, Fallières pronunciava um grande discurso em Agen. Alli tratou da separação da Igreja e do Estado, das caixas de reforma para os operarios e do imposto proporcional progressivo.

Foi proposto á presidencia por um grupo contrario a Doumer, para o qual se inclinavam pouco as sympathias publicas.

Fallières é filho de um escrivão de juiz de paz e neto de um ferreiro. Foi sempre um espirito alegre, e dos seus tempos de estudante, quando vinha passar as ferias á sua terra natal, contam-se historias alegres de partidas que fazia aos seus conterraneos.

Caracter franco e desprendido de ambições, d'elle se pôde dizer que as honras vieram ao seu encontro independente de diligencias que fizesse para as alcançar.

Entretanto pelo seu talento fez carreira e era um advogado distincto, quando foi nomeado *maire* e conselheiro geral de Nerac, tendo já desposado a esse tempo Mademoiselle Bresson, filha de um procurador.

O *maire* de Nerac chegou a presidente do Senado, sendo intimo amigo de Mr. Loubet, o qual por sua parte influio quanto pôde para a elevação de Fallières á suprema magistratura da Republica.

Paul Doumer é o presidente da camara dos deputados, tendo principiado a sua carreira politica pelo jornalismo, como director d'*A Tribune* orgão republicano de Leon d'onde foi prefeito.

Foi pela primeira vez eleito deputado por Leon em 1878.

Doumer nasceu em Aurillac (Cantal) a 28 de março de 1857, sendo filho de paes pobres que o dedicaram a gravador de cunhos. Elle, porem, foi estudando como poudo sciencias e chegou a ser professor de mathematica, tendo de abandonar esta profissão em consequencia de uma pertinaz enfermidade de garganta.

Foi depois d'isto que se dedicou ao jornalismo.

Como parlamentar adquiriu grande fama. Relator dos projectos dos syndicatos municipaes, da assistencia publica, das sociedades cooperativas de produção e de consumo, sustentou uma memoravel polemica com o ministro da fazenda, Rouvier, sobre a reforma da thesouraria geral e á sua campanha deve-se uma economia de milhões de francos. Nos dias gloriosos de Boulanger, Paul Doumer viu obscurecida a sua «estrella».

O derrotado por Castelin, candidato de Boulanger, nas eleições de 1889, se não fôra Floquet, que o fez chefe do seu gabinete na presidencia da camara, teria alli terminado a sua carreira. Deputado pela circumscripção de Auxerre em 1891, governador geral da Indo China, durante muitos annos, homem influente, com grupo de amigos de alta posição social, a tudo se atreveu propondo-se pelo partido conservador.

Em lucta com Bourgeois, foi eleito pela primeira vez presidente da camara dos deputados, em janeiro de 1905, voltando agora a ser reeleito.

Em janeiro de 1905, publicou Paul Doumer um

livro «*L'Indo-Chine Française*», sendo notaveis os capitulos que tratam do grande imperio de Annam. Ha poucos dias, publicou uma obra rhetorica—*O Livro dos meus filhos*.

Léon Bourgeois, candidato radical socialista é o verdadeiro democrata, amigo dos pequenos e dos opprimidos.

Foi elle o que primeiro apresentou o projecto da separação da Igreja do Estado quando presidente do conselho, preferindo demetir-se a vêr reprovado o seu projecto.

Bourgeois tem 54 annos de idade pois nasceu em 21 de maio de 1851, e tambem principiou a sua vida publica por prefeito do Tarn em 1882, passou depois a secretario geral da prefeitura do Sena em 1883, prefeito da Haute-Garonne em 1885, director geral do ministerio do interior em 1886, director da administração local em 1887, conselheiro de Estado e prefeito da policia no mesmo anno, só em 1888 entrou na camara dos deputados, com 40:018 votos. Sub-secretario do ministerio do interior com Floquet, dois annos mais tarde era ministro das obras publicas, da justiça, do interior, presidente do conselho e presidente da camara.

A pagina mais brilhante na sua larga carreira administrativa deve-a ao modo intelligente e prudentissimo com que interveiu, como prefeito, na greve de Carmaux, em 1882. E' um herdeiro directo de Waldeck Rousseau e um discipulo de Floquet, que ganha ao mestre.

Auctor de varios livros de politica, de obras publicas, de caminhos de ferro, merece a fama de que gosa e figura entre a meia duzia de grandes oradores, com que a França conta actualmente. Léon Bourgeois succedeu na presidencia da camara a Deschanel, pelos votos dos radicaes e dos socialistas.

Foi proposto candidato á presidencia pelos radicaes e socialistas, entretanto não era seu desejo ser eleito; pois tem a apprehensão de que a cada victoria na sua carreira politica corresponde uma desgraça em sua familia, pela coincidencia que se deu de lhe morrer uma filha quando assumiu a presidencia do conselho, e ter tido sua mulher á morte quando foi eleito presidente da camara.

Maurice Rouvier actual presidente do conselho do governo francez e ministro dos estrangeiros, esteve ainda não ha muito em Portugal aonde acompanhou Mr. Loubet na visita a Lisboa.

Tem 63 annos, bem conservado, a despeito das luctas que tem sustentado na sua carreira politica bastante accidentada.

Tem sido por largos periodos ministro das finanças dirigindo esta pasta como um verdadeiro financeiro.

Quando o presidente Carnot foi assassinado chegou a suppor-se que Rouvier seria o seu successor, esta supposição, porém, não se converteu em realidade.

Em 1902 voltou a tomar conta do ministerio das finanças, passando depois para o dos estrangeiros, assumindo pela sahida de Delcassé a presidencia do governo.

E' nestas circunstancias que um grupo dos seus amigos politicos o propoz candidato á presidencia da Republica, sendo insignificante a votação que alcançou.

Inauguração do novo mercado d'Alcantara

De ha muito que o populoso e industrial bairro d'Alcantara reclamava um mercado para abastecimento da sua numerosa população, e esta reconhecida necessidade levou algumas pessoas mais influentes a promover a realisação d'esse importante melhoramento, obtendo a concessão da Camara Municipal, no que muito se empenhou o reverendo prior da freguezia de S. Pedro de Alcantara, padre Alexandre de Campos, srs. Brito Nogueira, Nunes de Sequeira e outros cavalheiros d'aquelle bairro, conseguindo organizar uma empresa para o estabelecimento de um mercado, nas condições dos modernos edificios d'este genero.

O architecto sr. Alexandre Soares delineou o projecto do novo mercado, cuja construção, de ferro, foi confiada aos srs. Darjant e Mendes constructores.

E' de aproximadamente 90 metros quadrados a area occupada pelo edificio do mercado, o qual tem quatro torreões, um em cada angulo, de 9 metros quadrados de superficie, vinte e oito logares, cada um com 6 metros quadrados, quarenta e uma mesas de pedra para peixe, e tres talhões, em que o terrado central está devidido, para a venda de hortaliças, legumes etc. Tem

tres fachadas sendo as principaes para a rua de Alcantara e rua da Fabrica da Polyora. O edificio é todo coberto, mas com a ventilação e luz necessarias.

A construção do novo mercado, contra os costumes da terra, fez-se com desusada actividade, permitindo que elle fosse inaugurado e aberto ao publico no dia 31 de dezembro ultimo.

Ao acto da inauguração quiz a direcção do mercado dar certa solemnidade, para o que convidou a camara municipal, a imprensa e outras pessoas importantes do bairro.

Assim compareceram á cerimonia, no dia 31 de dezembro pelo meio dia, o presidente da camara municipal de Lisboa, sr. conselheiro dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, os vereadores srs. Pinto Basto e Ferreira da Silva, sr. Marquez d'Avila, rev. Prior Alexandre de Campos, architecto sr. Alexandre Soares, a direcção do mercado, srs. Brito Nogueira, Nunes de Sequeira, Eduardo Costa, Cesar da Silva, Gamito, representante da Associação dos Agricultores, Darjant, Mendes, etc.

O sr. Condeixa, empregado da camara lavrou o auto da inauguração o qual foi assignado pelas pessoas presentes.

Depois de se visitar todo o mercado, foi servido um delicado copo d'agua, offerecido pela direcção, trocando se varios brindes em que fallaram os srs. conselheiro Antonio de Azevedo, Brito Nogueira, Nunes de Sequeira, rev. Alexandre de Campos, Alexandre Soares, Gamito, etc.

Durante a cerimonia tocou a banda de infantaria 1.

Assim foi tambem inaugurado o anno de 1906 com um grande melhoramento publico para o bairro d'Alcantara, marcando mais um importante progresso.

O vapor «Tagus» naufragado

As tempestades que na primeira quinzena d'este mez invadiram a costa de Portugal, desenvolveu-se com maior violencia no Douro, obrigando as embarcações que demandavam a barra do Porto, a refugiarem-se em Leixões, esperando tempo favoravel para entrarem.

Nestas condições estava o vapor inglez *Tagus*, que havia fundeado em Leixões no dia 1 do corrente, procedente de Liverpool com carregamento para a praça do Porto, consignado á firma Charles Coverley & C^o.

No dia 6 o mar apresentou-se de melhor catadura animando os vapores que esperavam em Leixões a sahir d'aquelle porto de abrigo e a entrar a barra do Douro.

O *Tagus* era o vapor de menos callado de agua e por isso foi elle que iniciou o movimento de entrada, chegando pelas 9 horas e 15 minutos ao sitio denominado *A Ponta do Dente* proximo da barra. Naquella altura, porém, o *Tagus* teve um enpancamento no leme e desgovernou, cahindo, em virtude da corrente e do vagalhão para estibordo. A avaria no leme, que era movido a vapor e a falta de talhas supplementes para o governar, deixou logo o navio á mecê do mar que o arrojou sobre um morro de areia que forma a restinga do Cabedello.

O *Tagus* ficou encailhado, não se podendo logo avaliar toda a avaria que soffera, pelo que se tratou de salvar a tripulação, com receio que de um momento para o outro o navio abrisse agua e o mar o submergisse.

Os soccorros foram promptos. Da estação de Soccorros a Naufragos de Matto-sinhos e Leça sabiu logo todo o material de salvação assim como da estação da Foz um barco salva-vidas e cabo de soccorro a naufragos, o qual manobrou sobre a direcção do piloto da barra José Pinto d'Almeida.

A este tempo comparecia o sr. Conselheiro Marques da Costa, chefe do Departamento Maritimo do Norte, com o seu adjunto sr. tenente Jayme Brandão, dando as ordens para se deitar o foguetão que logo ligou o cabo de soccorro entre o Cabedello e o vapor naufragado, na extensão de uns 200 metros e por meio do qual se salvou toda a tripulação do navio em numero de 22 homens.

O *Tagus* pertence á companhia *The Ellerman Lines* da praça de Liverpool. Foi construido em Dundee, em 1898. Tem todo o costado d'aco, mede 72 metros de comprimento com o deslocamento de 46. Regista 500 toneladas.

Sir Roberts, commandante do *Tagus*, assistiu do castello de prôa a todo o salvamento da tripulação, sendo o ultimo a vir para terra.

Tem sido grande a faina para salvar a carga

OS CANDIDATOS À PRESIDENCIA DA REPUBLICA FRANCEZA



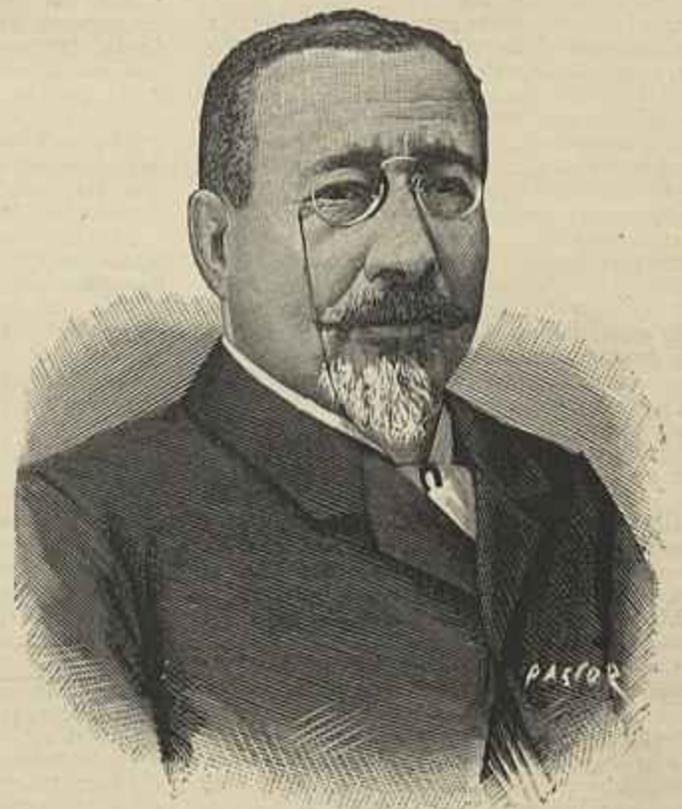
O PRESIDENTE ELEITO, MR. ARMAND FALLIERES



MR. PAUL DOUMER



MR. LÉON BOURGEOIS



MR. MAURICE ROUVIER

do vapor, havendo esperança de pôr este a nado porque parece não haver rombo por onde metta agua.

Em peores condições foi salvo ha annos o vapor *Cintra* que tambem encalhou no mesmo sitio do Cabedello.

MU-SIAM

CONTO CHINEZ
POR
BOROCHEVITZ
(Continuado do n.º antecedente)

O noivo, na solidão dos seus penates, lia os ensinamentos de Confucio relativos ao viver conjugal.

E a noiva, trajando as vestes nupcias, sentada no seu camarim de donzella, a escutar, entre curiosa e pasmada, aquillo que lhe ia dizendo a mãe.

Simultaneamente, a casa delle e a casa della, acudiram parentes e amigos, soltando alegres brados, a desfazerem-se em felicitações. Depois o sino a cantar em voz fanhosa as orações de Confucio, e toda a gente a escutar, de cócarinhas em frente do altar, empunhando varinhas que esparziam rescendente fumarada.

Até que por fim, um mocinho, incumbido de espreitar a almejada apparição, correu, gritando: —A lua! a lua!

E, unanimes, agradeceram todos ao dragão que lha restituia e dirigiram-se para o juvenil casal.

Entre musicatas cantos e danças, foi acompanhado Yon-Ko-Zan até ao futuro lar domestico.

Ao acercar se dos precintos, viu, do outro lado da rua, avançar a mesma procissão, com os tres cantos, os mesmos archotes de fulgidas cores... Traziam lhe Kuar-Mu-Siam...

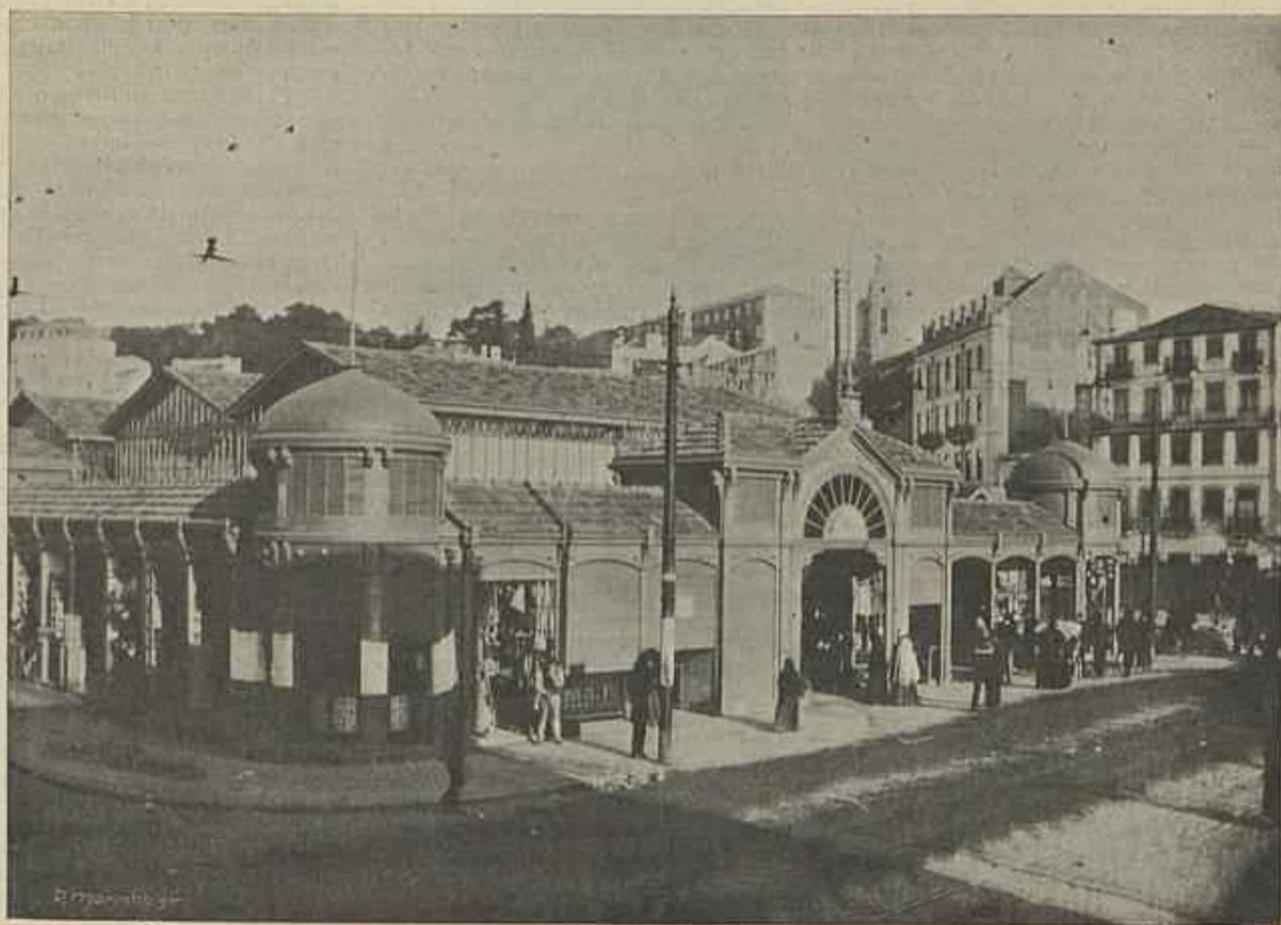
No jardim, encetou-se um festim monstruoso, ao passo que as illuminações eram de deslumbrar, que estrelavam os foguetes e os dragões de fogo.

Na rua, a multidão não deixou tambem de apañhar o seu quinhão do festim, e era grande o contraste, entre aquelles jardins donde resoavam os alegres gritos dos convivas, e a casa onde tudo era silencio e mysterio.

Yon-Ko-Zan, com umas çapatilhas flexiveis, sem tacões, enroupado no leve trajo bordado de ternos epithetos, com o coração aos pulos, soergueu o reposteiro que o apartava do intimo aposento.

As paredes deste estavam colgadas de pesados tecidos bordados a oiro; o soalho juncado de

Inauguração do Mercado d'Alcantara



O NOVO MERCADO D'ALCANTARA—Inaugurado no dia 31 de Dezembro de 1905



NO COPO D'AGUA — Brinde do Presidente da Camara Municipal, sr. Conselheiro dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco
(Clichés da «Photographia Portuguesa» do sr. J. A. da Silva)

dosos tapetes, alumando a tudo lanternas multi-côres.

Lá no fundo do quarto, avistava-se a alcova, escura, atravancada, sobrecarregada de coxins bordados, de pesados estofos de seda, e, no meio do aposento, estacionava aquella minúscula bonequinha, aquella pequerrucha de quatorze annos, a tremer ante o desconhecido, a arder em curiosidade.

Toda empacotada numa *fata* de seda doirada, dava uma ideia de uma verdadeira estatueta da qual ia evolar-se uma borboleta linda e pintalgada.

Elle estacou, e, devagarinho, com a voz a tremer-lhe, pela vez primeira, proferiu-lhe o nome: «Kuar-Mu-Siam!»

Num fremito, toda ella, avançou lentamente, a encontrá-lo poisando a medo os pésinhos, a campear, tal qual um canço a abanar com o vento. —Kuar-Mu-Siam! repetiu o mancebo quando a viu a dois passos de si, participo-te que sou teu esposo!

Ella, então, caiu-lhe aos pés, elle, acudiu estendendo-lhe as mãos ambas, que ella agarrou a tentas, levando-as aos lábios.

E carregou com ella para cima de um montão de coxins empilhados contra a parede, pregou em seguida um rasgão na *fata* que velava o rosto de Mu-Siam, outro rasgão nos çapatos que lhe cobriam os pésitos.

Ouvia-se o rechinar da seda, rasgala, e então, e só então, a Yon-Ko-Zan foi dado contemplar aquella formosura por elle cantada com tamanha paixão.

Ajoelhado em frente della, cingindo ao seio os minúsculos pésinhos, sentindo o mais lídimo orgulho, o de possuir uma mulher cujos pés lhe cabiam ambos na mão, a contemplar extático o rostozinho espavorido de «sua mulher» a primeira mulher na sua vida! E ella, curiosa como uma creancinha, e de mais em mais perplexa, a olhar para aquelle homem rojado a seus pés para aquelle Chim de cangalhas, parecido a milhares de outros que havia encontrado, quando a levavam de palanquim através das ruas da cidade.

Onde estaria elle, esse cavaleiro dos seus sonhos, com os olhos como estrellas, em que lhe falava sua mãe quando ella, Mu-Siam, pobre pequena, chorava só em pensar em casamento.

..

Já lá vão dois annos e a magra raparigueta Kuar-Mu-Siam, que assim a designava em sua ternura o marido, desabrochava numa encantadora mulher.

O tenro carmim transparecendo-lhe através das amarellas facezinhas, os olhos enesgados e astutos, o busto fragil cujos contornos se perfilavam através da leveza dos tecidos, aquelles pésitos tão engraçados, as mãos em miniatura: em sua mão, fazia lembrar uma graciosa bonequinha de porcellana.

Mu Siam residia numa casa com as paredes revestidas de azulejos pintalgados de vistosas flores: pendiam das cimalthas umas chimeras de porcellana, repetidas nas grimpas e nos angulos do telhado.

Por detrás da casa protrahia-se um jardim a abarrotar das mais portentosas flores.

Vecejava ali uma carça minúscula ajoujada de rosas do tamanho de malmequeres, esparzindo no ambiente o suave aroma.

Nas arvores, pouco mais altas do que a propria Mu Siam, amadureciam maçãs, laranjas, peros pouco maiores do que cerejas. Nos contorcidos pinheiros, com trinta centímetros de altura, pendiam uns engraçados coneizinhos e as folhas microscópicas das bétulas dir-se-iam recolhidas a capricho em papel de seda.

Az abrigo d'aquellas carças de brinquedos, Mu-Siam, conforme tem por habito as damas chinéssas, brincava com as bonecas.

Quando a enfastiava a boneca passeava, poisando a mão os torpes pésitos no saibro das avenidas, por entre aquellas arvores que a mão de um jardineiro artista havia transformado, já em verdes pagódes já em grandiosas figuras.

Outras vezes, tomada de paixão pelos peixinhos doirados, para ali se ficava a vê-los baralustar nas cristalinas aguas dos tanques.

Neste comenos, caía a noite, e sempre que isso apetecia a Mu-Siam, chispava o fogo de vista, illuminavam-se as ruas, e raiavam o jardim aureos ziguezagues, aos mil.

Baloçavam nas arvores flores e fructos de fogo: despediam pelos ares cascatas de centelhas, chimeras de oiro a voar, e por entre a escuridão do céu apparecia um nome: o nome de Mu-Siam.

O marido, quando o não mantinham afastado da cidade os negocios, fazia, de vez em quando,

curta apparição, dispensando-lhe uma caricia, oferecendo-lhe um mimo, perguntando-lhe se não desejava qualquer coisa.

—Nada! respondia Mu-Siam, triste, a abanar com a cabeça.

Raro era o dia em que não viessem visitá-la, parentes e amigos, conversando a respeito das suas casas de porcellana, das suas bonecas, dos seus jardins de arvores pequeninas, dos seus fôgos de vista, dos brindes mais recentemente oferecidos pelos esposos respectivos.

E a miudinha Mu-Siam a escutar tudo aquillo, como quem está escutando uma historia velha e revelha que está farta de saber do principio até ao fim.

Eram oitenta e seis aias de roda d'ella, e cada qual com atribuições especiaes. Uma, engendrava penteados phantasticos quanto caprichosos, outra, cuidava-lhe do banho, a terceira, incumbia a vigilancia transcendente da roupa; a quarta, a dos alfinetes.

Estas oitenta e seis aias acompanhavam-lhe a todo e qualquer movimento, advinhavam-lhe o minimo desejo, cantavam e bailavam para alegrar a sua ama: Mu-Siam, comtudo, nem sequer lhes escutava os cantos, Mu-Siam não lhes admirava as dansas...

Nos armarios jaziam dependurados quatrocentos vestidos: Mu-Siam mudava de trajo seis vezes na roda do dia, em obediencia ao ceremonial obrigatorio.

Porque motivo levará Mu Siam as noites todas a chorar?

Era ella a propria a ignorar a causa das suas lagrimas, ou donde se originariam os pensares que lhe assoberbavam aquelle seu pobre cerebrozinho.

Lembrava-se das narrações da mãe, narrações referentes á divindade que a aguardava na residência nupcial, ás caricias que lhe dispensaria aquelle cavalleiro do sonho, cujos olhos se assimilavam ás estrellas.

Depois, subitamente, punha-se a pensar que o marido se parecia como dois pingos de agua a todo a qualquer chinês. Recordava-se do poema incandescente, composto pelo seu noivo, quando a não conhecia a nda e cogitava por que seria que elle já lhe não dedica outros assim, agora que lograra alfim contemplar-lhe a formosura. E então, punha-se a chorar e a desejar fugir para longe... muito longe.

Numa palavra, aborrecia-se a pequenina Mu-Siam: não será a mais perigosa enfermidade para uma mulher, na China, como em toda a parte?

..

Mu-Siam estava sentada no seu jardim suspenso.

Resoou o gongo, e, pela portinha oval, appareceu um mancebo com o mais extraordinario aspecto.

A julgar pelo semblante, comtudo, era bem um filho do Celeste Imperio! Mas... que estramboticos atavios!... Na cabeça, um chapéu alto, muito preto e luzidio. Tirou-o, e appareceu a trança, dando-lhe tres voltas em redor da cabeça.

Não usava saias, mas sim uma vestia curta, uma camisa pintalgada de flores, e uns pantufos de solas finas que lhe davam um andar flexivel, vivo e elastico. Que contraste com as altas e pesadas çapatolas de Yon-Ko-Zan! Trazia ao peito um laço negro á semilhança de uma grande borboleta, que ali houvesse poisado, a tremolar as azas... As mesmas borboletas, mais pequenas, todavia, tinham vindo poisar-lhe nos çapatos.

Tudo aquillo parecia a Mu-Siam elegante, bonito, gracioso e ella, sem querer, não tirava os olhos de sobre os pés e o seio onde haviam escolhido domicilio aquellas lindas borboletas.

De subito, occorreu-lhe o decoro, e recuou para o balcão afim de não ser vista por esse incognito. Ainda mal entrara no seu camarim, quando a criada, incumbida de annunciar as visitas, lhe trouxe um bilhetinho gentil em cima de uma bandeja.

Em vez do enorme rolo de papel com quatro metros de comprimento, um pequenino cartão em que lhe leram (visto que ella por si o não podia fazer) o seguinte nome:

«Tun-Ki-Tchi-Sam» Era o filho do irmão de seu pae.

E, antes até de que Mu-Siam pudesse responder que não podia receber visitas, por se achar ausente seu amo e senhor, antes de lhe dar tempo para encetar uma só palavra, o mancebo transpunha os umbraes, avançando a passos rapidos, de mãos estendidas:

Kuar-Mu-Siam! Pequenina Mu-Siam! Quem dirá que és a mesma?

Ella avançava para lhe beijar as mãos, conforme

cumpre, mas já elle se achava a seu lado, apodegando-se-lhe das mãos, levando-as aos lábios e depondo em seguida um beijo muito rechiado nas faces á estupefacta Mu-Siam.

—Que subida honra! e da qual, até ali, chinéssa alguma havia sido merecedora! Beijára-lhe as mãos um homem, a ella, Mu-Siam!

Não cabia em si de espantada e Tun-Zi, risonho, a mirá-la com aquelles seus olhos alegres, a luzir-lhe n'elles a malicia!

—Perdoa-me, Mu-Siam, o haver entrado assim sem ceremonias, sem nenhuma dessas ceremonias chinéssas das quaes tanto escarnecem nos países donde venho. São tão mortalmente enfadonhas, e muito mais entre parentes! Mas, espera! Primeiramente deixa-me admirar-te! Mas de veras, serás tu a propria Mu-Siam? Aquella Mu-Siam pequerruchinha que eu trazia ao côlo, por não poderem aguentá-la aquelles seus pésitos, entalados n'aquelles temiveis estojos!

E, ao dizer isto, beijava e tornava a beijar-lhe as mãos, as faces, e os lábios.

Mas que é isso? tu pareces-me estar descontente! Nem sequer me convidas a sentar-me? Ah! sim, já nem me lembrava de que o visitante é o proprio a quem cumpre offerecer o assento á dona da casa. Senta-te, Mu-Siam, e toca a dar á lingua... E instaurou-a numa poltrona, agachando-se elle proprio a seus pés, numa almofada.

—Afigura-se-me ter junto a mim uma amiga! pensou Mu-Siam, e sentiu-se á vontade, olvidado de todo o acanhamento...

—O meu senhor anda a viajar, encetou a joven...

Elle atalhou-a...

—Ah! sim! Yon-Ko-Zan! Perdôa-me, Mu-Siam, o eu não lhe pronunciar o nome por extenso, para o fazer, precisava, primeiro, de engulir um jantar de vinte e dois pratos! Abençoados sejam os seus antepassados, do primeiro até o ultimo, e a sua valentia! Oxalá lhe assistam todos os dragões bemfazejos! Que é feito d'elle, desse meu antigo companheiro da escola com quem repetiamos de cor a sapientissima moral de Confucio? Tinha a mais do que eu seis annos... perdão, setenta e duas luas, mas nem por isso tinha mais desenvolvida a intelligencia.

Ouso esperar que, mais tarde, não só teria ensejo de aprender a moral daquelle zoupeiro imbecil daquelle Confucio, senão ainda de o olvidar possuindo uma mulherzinha qual é Mu-Siam.

—Filho do irmão de meu pae, emitiu a joven...

—E' comprido de mais... Filho do irmão de meu pae... Chama-me primo. E' mais simples e assim se diz lá nessas terras longinquas, nesse delicioso país donde saí ha pouco.

—Primo! repetiu Mu-Siam, risonha.

Agradava-lhe o termo, como tudo quanto é novo e desconhecido... Primo!

Mu-Siam por sua vontade levantava-se e saía. Era seu dever fazê-lo, visto como, sem respeito, se haviam referido a seu esposo.

Em vez disso, foi-se deixando ficar e pergunta: —Estiveste no país dos Bolang-Li?... filho do irmão... primo?

—Oito annos, noventa e seis luas, minha prenda, vivi eu em Paris.

—E que fazias tu no país dos barbaros?

—Barbaros?! Ah! ah! ah! na terra desses barbaros, Mu-Siam, estudei direito.

Mu-Siam não percebeu, como é de suppôr, qual era a sciencia que o filho do irmão de seu pae tinha aprendido.

—Fui para além, accrescentou o moço; de mandado dos meus superiores, com o sentido em vir a ser, á volta, um funcionario do nosso potente a par de magnifico imperio.

—E... fica muito longe... esse tal país onde se aprende a sciencia de vir a ser funcionario?

Tun-Li, então, falou-lhe daquelle país tão remoto, portentoso, onde vivera tanto anno: dos predios da altura de pagodes, dos dragões a resfolegarem labaredas e transportando milhares e milhares de pessoas por cima de linhas de aço, dos mares incommensuraveis, dos navios que os percorrem, dos theatros onde se canta tal qual cantam os anjos celestiaes!

E dizia tudo isto de modo tão pittoresco, com os olhos rutilantes, enthusiasmando-se a si proprio á medida que ia desfiando a narrativa das suas apraziveis recordações.

Soltava exclamações de assombro, de estase, de pavor, consoante elle ia falando daquelles mares sem fim, ou nos três dragões de fogo; e escutava-o com delicia, toda corada, e com os olhos a luzir.

Estava, havia que tempos, a queimar-lhe os lábios uma pergunta; até que por fim se resolveu a fazê-la, e baixou os olhos:

—E por lá... antes que eu mal pergunte... por lá... existem mulheres?

—Se existem?... e que mulheres... demais a mais!... E principiou a descrever-lhe os esplendidos chapéus adornados de plumas, de flores, de aves, usados pelas ditas mulheres, dos ombros destas, do colo alvinitente que nem o proprio alabastro, da roupa transparente como a teia da aranha, das saias de rendas, do comprimento das luvas e dos bordados das meias...

E falava com ardor, com a desenvoltura de um moço que regressou de Paris.

De repente, parou, a olhar para Mu-Siam: nos olhos da pobre pequerrucha scintilavam lagrimas.

—Mu-Siam! Minha prenda! Estás a chorar! por quê?

—Pobre de mim! Não! Que a pobrezinha da Mu-Siam não tem nada que a isso se pareça! Mu-Siam não se assemelha a essas beldades.

—Como assim! E os teus pézinhos! E, sem dar tempo a Mu-Siam para se defender, ajoelhou e beijou-lhos.

—Quanto não dariam ellas, Mu-Siam, para ter esses teus pézinhos? as tuas encantadoras mãozinhas estragadas ainda assim por essas horridas e immensas unhas! Escuta, Mu-Siam, faze uma singular fineza a teu primo, consente-lhe que tas apare, a essas unhas tão horridas! Ensinar-te-ei a talhá-las como as das Bo-Lan Li, e varás que lindas garrazinhas cõr de rosa ficarão adornando as tuas encantadoras patinhas.

Ella, a escutá-lo, conturbada de todo, assombrada, e nas palayras, na voz, no olhar de Tun-Li, sentiu uma força que a attrahia.

—Que me dizes! As unhas compridas, porventura, não representarão o mais formoso predicado para uma mulher? E terias alma para...

E cõrou.

—O quê?... Se eu teria alma para... Conclue... , minha Mu-Siamzinha.

—Terias alma para beijar umas mãos com as unhas curtas?

—Se teria alma!? Comia-as de beijos sem conta, pois que duvida? E quem é que não beijaria semelhantes mãozinhas?

E demais, vae ouvindo...

Esse horrendo penteado estraga-te a linda cabecinha. Que medonha coisa fizeram dos teus cabellos, pobre pequena! Espera ahí, vou-te pentear á moda lá da Europa. Verás a que ponto é simples, distincto e lindo!

Tun-Li havia enfeitado de todo a coitada de Mu-Siam. Desatou-lhe o cabelo e creou um novo penteado, com tamanha destreza, com sciencia tal, que Mu-Siam desfechou sonora gargalhada.

Das suas aias, nem uma só a tinha penteado tão depressa e tão bem.

—E agora, contempla-te!

E levou-a ao espelho. Mu-Siam soltou um grinchinho. Seria o seu, effectivamente, aquelle rosto que se lhe defrontava, com aquelles cabellos ricados, negros como o proprio azeviche, apanhados em côques elegantes, seguros apenas com uns compridos alfinetes!

E aquelle rostozinho tão alegre, de rosadas faces, aquelle penteado tão singular, estranho, a Mu-Siam parecia-lhe tudo novo, original... e lindo!

E então, estendeu-lhe as minusculas mãozinhas, elle, cortou as unhas, desconformes, igualando-as um tanto, e recuou uns passos a admirar a sua obra.

—Como estás linda, Mu-Siam!

E ella, contente, a mirá-lo, com uns olhos refulgentes, sem atinar como lhe dirigiria ainda uma pergunta.

Trad. M. de Macedo.
Continúa).

XXXXXXXXXX

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV

OPTICA

CAPITULO I

A LUZ E SEUS EFEITOS

(Continuado do n.º 973)

N'estas lentes, as imagens são sempre virtuaes, directas e menores que o objecto.

Prismas. Um prisma, em optica, é um meio transparente comprehendido entre duas faces

planas e inclinadas. O angulo formado pelas duas faces atravessadas pela luz, é o angulo de *refrangencia*, e o angulo pelo qual ellas se encontram, a *aresta*.

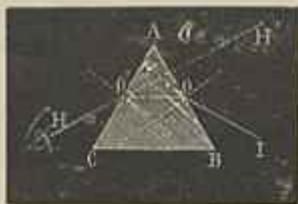


FIG. 54 PRISMA

Seja A, B, C, a secção de um prisma, e I, o ponto luminoso — O raio de luz O, I, entra no prisma, refrange-se em O, aproximando-se da normal, seguindo a direcção O, O' refrangendo-se em O' onde se affasta da normal, segundo a direcção O' H, — O observador em H, verá a imagem no prolongamento do raio O' H, isto é, em H, attendendo á refracção da luz.

Os prismas Luxfer constituem igualmente uma applicação curiosa do principio da refracção.

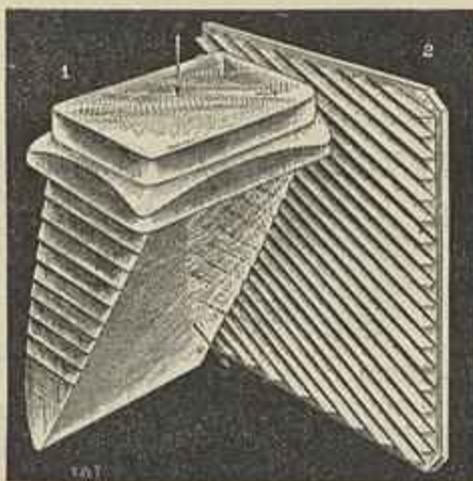


FIG. 55 PRISMA LUXFER

Toda a janella de uma casa recebe uma porção de luz, variavel consoante o angulo formado pelo tecto da casa que faz face a esta janella, e a altura a que esta se encontra, acima do solo — Esta luz, atravessando os vidros, illumina uma superficie maior ou menor, consoante o angulo de entrada for menos ou mais agudo — A restante porção da casa é apenas illuminada pelo reflexo do sol, o qual, pela sua natureza absorbente devido á sua cõr, recebe apenas 20 a 30 % da luz total.

A collocação dos prismas Luxfer nas janellas, projecta a luz total no recinto — São formados de uma chapa de crystal, plana n'um dos seus lados, sendo a segunda face, munida de saliências angulares em toda a sua extensão, como se vê na fig. 55 — A dimensão uniforme das chapas é de um decimetro quadrado, mas os angulos dos prismas que as constituem, é variavel — A reunião de varias chapas faz-se por meio de caixilhos, collocando-se entre cada uma d'estas, uma pequena barra de cobre, soldada nos pontos d'intersecção.

Feito isto mergulham-se as chapas, n'uma cuva galvanoplastica, obtendo-se, por meio da corrente electrica, junto á parte saliente da barra de cobre, um deposito que as reveste d'este metal.

Devido a este processo de fabricação, os prismas offerecem grande resistencia ao fogo.

A illuminação das casas subterraneas é feita por meio de um systema de multi-prismas, collocados na parte superior d'essas casas os quaes projectam a luz, sob um angulo de 45° — Se a extensão da casa necessitar que a refracção da luz atinja uma distancia superior áquella que os multi-prismas attingem, basta collocar em frente d'estes, um caixilho vertical com outro systema de prismas os quaes produzem uma segunda refracção, que transmite a luz, á parte menos illuminada da casa.

Como se vê os prismas Luxfer garantem a diffusão da luz do dia nos recintos, onde ella mais difficilmente pode penetrar.

(Continúa)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.



Recebemos e agradecemos, as seguintes, dadas a lume em 1905.

O Instituto (Revista Científica e Literaria) — E' o n.º 11, correspondente ao mez de novembro e n'elle colaboram os distinctos escriptores srs. Victor Ribeiro, Campos Lima, Rodolpho Guimarães, Antonio Cabreira, Antonio Luiz Machado Guimarães, Souza Viterbo e dr. G. Guimarães.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa — Os n.ºs 9 e 10, setembro e outubro, da 23.ª série, os quaes, mantem o mesmo cunho interessante dos n.ºs anteriores.

Gramatica Portuguesa segundo a indole e os principios da linguagem primitiva — com a Reforma Orthographica e a Verdadeira Origem das Letras e das Palavras — Um livro para os moços e para os velhos por João Bonança — Lisboa — Typ. da Cooperativa Militar — Fasciculo de 32 paginas, acompanhado do prospeto da obra. Parece-nos digno de leitura e por nossa parte interessou-nos se bem que apenas na *Introdução*, ainda incompleta.

O autor ahí argumenta com logica na demonstração do assêrto — «As linguas portugueza e hespanhola são originarias da Peninsula que não derivadas do latim».

Sonetos — (Primeiro livro) — Carlos Frederico Parreira — Lisboa — Typ Universal — São doze composições do genero, com diverso motivo e dedicatória singela, que talvez o poeta deverá guardar para mais tarde, em maior firmeza de apreço proprio e de legitima auctoridade na rima. Entretanto, não queremos significar com isto que ficamos alheados dos seus versos, não vasio de conceito moral e de sentimento.

Eis a primeira quadra do soneto *O Fado*:

«Como é dolente a musica do fado,
«Como é dolente e como faz chorar
«Assim baixinho, assim amargurado,
«Como tu sabes, meu amor, cantar!

Terra Virgem (Romance) — Cesar Porto — Lisboa — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — Volume de 424 paginas incluindo o *Prefacio*. Encerra bastante philosophia no entrecho das tres partes abrangidas pelo romance que o forma.

Põe-se em evidencia n'esta obra o mérito do trabalho e o valor do progresso, castigando-se ao mesmo tempo a altiva teimosia do preconceito em coisas absolutas, irritantes e já incompativeis com o ideal social e com a civilização presente.

E' pena que o autor não haja escripto em linguagem portugueza, rigorosamente vernacula.

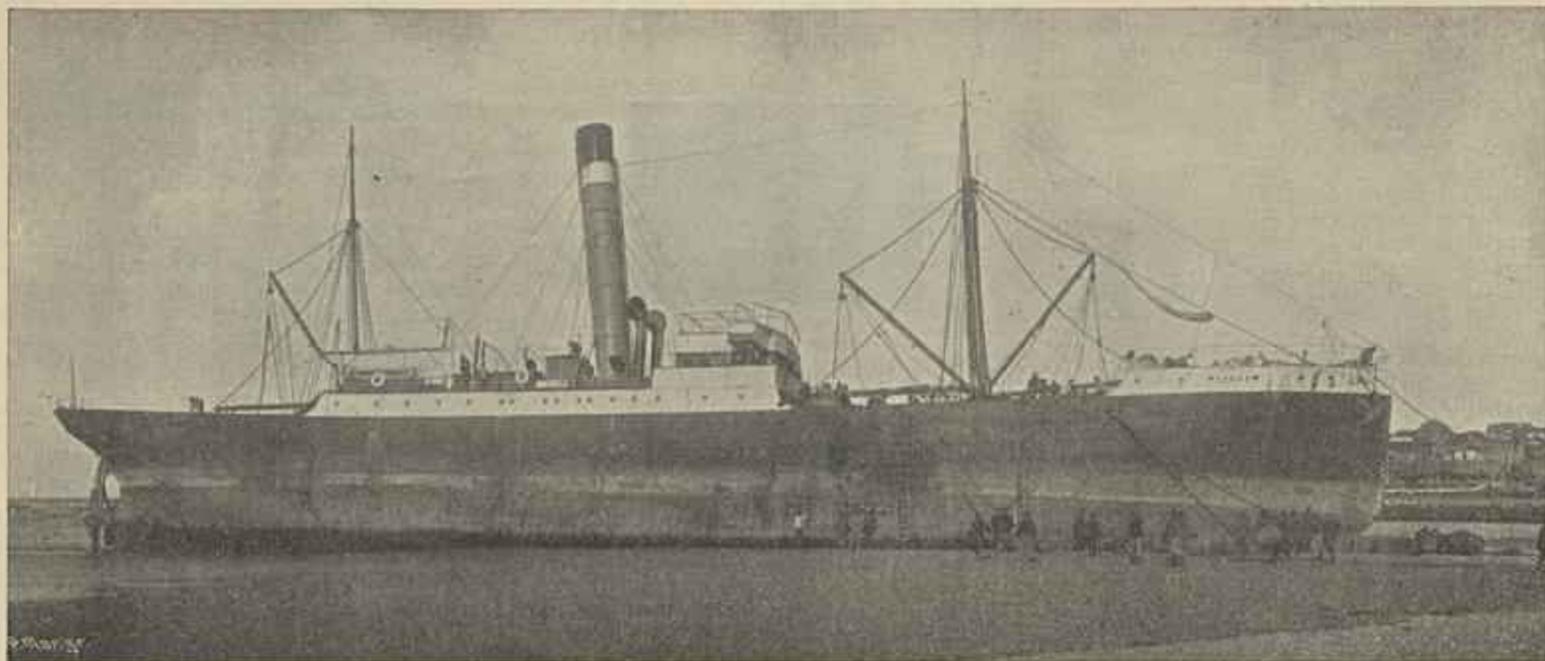
Tem passagens o volume onde o numero de termos, improprios, faz perigar a probidade do romancista, que todavia, declara no introito lealmente: «repercuta influencias de além fronteiras».

Durante a leitura, por mais de uma vez ocorreu-nos ao pensamento a lembrança do romance *La Fécondité*, de Zola, reconhecendo, comtudo, que Cesar Porto, não foi plagiario.

Horas Vagas — Bibliothecas, por Octaviano Guilherme Ferreira, director da Bibliotheca Nacional de Nova Gõa — Nova Gõa — Typ. da Casa Luso Franceza — N'este folheto de 26 paginas de texto, tributo filial do autor a seus paes e testemunho de deferencia do mesmo aos governadores da India, Machado e Galhardo, achase resumida n'um estilo empolado e eloquente a historia das bibliothecas em geral, e em especial a concernente áquella que o sr. Octaviano Ferreira dirige.

Sentenças de D. Francisco de Portugal 1.º Conde do Vimioso, seguidas das suas poesias publicadas no Cancioneiro de Garcia de Resende — Revistas e prefaciadas por Mendes dos Remedios — Coimbra — França Amado, editor — E' este mais um volume da colleção «Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa a que o erudito lente da Universidade tem consagrado preciosos momentos de paciencia investigadora.

Todo o portuguez estudioso e refletido deve vêr esta obra de D. Francisco de Portugal.



O VAPOR INGLEZ «TAGUS» — Naufragado no Cabedello junto á Barra do Porto
(Photographia do sr. Biel)

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:
[Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE
REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal



Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
—LISBOA—

Sempre bom sortido de camisas, camiselas, meias, peugas,
gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia,
como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para
viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Methodo Berlitz

LISBOA PORTO
R. do Alecrim, 20 A Rua Sá da Bandeira, 259
1.º e 2.º andar

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Esp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico
FOR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha
Professores de S. M. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.
ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR
N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA
E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

Atelier Photo-Chimi-Graphico P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA
N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chro-
motypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do
paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Capas para a encadernação do OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encaderna-
ção 17200 réis. Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE
—L. do Poço Novo—Lisboa.